

Desmaio da Presidente da Petrobras em voo e internação em UTI é revelada pelo Correio da Manhã



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Silêncio corporativo cria clima de mistério sobre saúde de Magda

Fernando Frazão/Agência Brasil

O silêncio corporativo da Petrobras sobre o desmaio da sua presidente, Magda Chambriard, a bordo de um avião da GOL na frente de quase duas centenas de pessoas só potencializou o mistério sobre a saúde da executiva, que há quatro anos, em uma viagem ao exterior, precisou ser internada com urgência, ficando em UTI durante um longo período, fato só revelado pela coluna no processo de investigação jornalística.

Como empresa de capital aberto, com ações comercializadas nas bolsas de valores, inclusive na de Nova Iorque, a postura da companhia deveria ser de transparência absoluta e não a de omitir o fato ocorrido de forma pública, no trajeto de um Boeing 737-800 da GOL, na manhã do último dia 16, no trajeto Florianópolis - Galeão.

A presidente da Petrobras desembarcou na sexta, 14, às 18 horas, no Galeão, após um voo de longo curso que saiu da Índia e passou pela Holanda com mais de 30 horas, somando as duas etapas. No próprio sábado, embarcou para Florianópolis para uma agenda familiar e no dia seguinte embarcou às 9h50 no voo da GOL G3 2023, decolando com destino ao Rio; e a noite já teria uma agenda com seus diretores no Hotel Portobello, em Mangaratiba, para receber o presidente Lula, na segunda dia 17, em Angra dos Reis.

TRATAMENTO VIP - No voo da GOL, Magda Chambriard foi acomodada nas últimas poltronas, já que não havia lugares disponíveis na classe Comfort - as cinco primeiras filas do Boeing com mais espaço e destinadas aos passageiros Diamante do programa Smiles da Companhia. Com o embarque finalizado, sobrou algumas poltronas nesta seção e os comissários foram convidada a mudar de assento, sendo alojada na fileira 2.

Ela viajava em companhia de uma das suas duas filhas (uma delas residente na Austrália) e de um rapaz de terno que aparentava ter quarenta anos. O voo decolou



Magda Chambriard desmaiou no voo da GOL G3 2023

no horário e durante o trajeto, o susto. A presidente da Petrobras desmaiou sobre a bandeja aberta e ficou completamente sem sentidos. Foi estourando um pânico na aeronave e foi solicitada a presença de médicos. Por coincidência, uma neurologista carioca, casada com um respeitado advogado, estava sentada ao lado de outro médico, um cirurgião pediátrico. Os dois atenderam o chamado de emergência médica e foram socorrer a passageira, sem saber de quem se tratava.

Magda foi removida do seu assento, colocada no piso do avião e começou o trabalho para reanimá-la. A filha entrou em colapso e dizia que iria desmaiar, os dois passageiros médicos tiveram de enfrentar a hostilidade de um comissário que cobrava a identificação dos dois samaritanos. O rapaz segurava o braço da paciente, o que impedia os médicos de medirem a pressão, que estava imperceptível. A senhora estava desfalecida, com baixos sinais vitais. Foi entregue o kit de primeiros socorros, nele o medidor de pressão estava defeituoso e não funcionava. Os médicos haviam elevado os membros inferiores para oxigenar o cérebro e pouco a pouco ela começou a reagir.

Questionada sobre o equipamento defeituoso, a companhia aérea enviou a seguinte nota ao Correio da Manhã: "A GOL informa que durante o voo G3 2023, entre Florianópolis (FLN) e o Rio de Janeiro, aeroporto do Galeão (GIG), realizado no domingo (16/02) houve a necessidade de atendimento médico. Houve acionamento por parte da equipe de tripulantes de um médico a bordo, para quem foram disponibilizados kits de primeiros socorros e caixa médica. Porém, não houve necessidade de uso da caixa médica devido a melhora apresentada pela Cliente.

A Companhia reforça que todas as ações tomadas a bordo seguiram os protocolos dos órgãos reguladores para este tipo de ocorrência, sempre com foco na Segurança, valor número 1 da GOL". Em conversa com a coluna, a empresa explicou que existem dois equipamentos de emergência a bordo, um kit de primeiro socorro, onde estava o equipamento defeituoso e um kit médico, bem mais completo, que só pode ser usado por profissionais da área de saúde, no qual havia outro medidor de pressão. Como explica a nota, como a passageira/paciente reagiu ao socorro dos dois médicos, não foi necessária a abertura

do "kit médico", que contém bisturis, e outros instrumentos para emergências até cirúrgicas.

Por recomendação da própria tripulação, foi colocado pelo médicos, no relatório de atendimento, que o instrumento do kit de primeiros socorros estava avariado, ou seja, existe um documento oficial que aponta a falha do equipamento, necessário para orientar os procedimentos de primeiros socorros.

A Agência Nacional de Aviação Civil foi questionada sobre o episódio e sobre as providências que seriam adotadas após a constatação da falha. Até o fechamento da edição, a agência não havia enviado um email resposta à nossa redação de Brasília.

Na segunda, 17, a estratégia da Petrobras foi de demonstrar normalidade. A presidente da empresa, apesar de ter cancelado a ida ao Hotel Portobello no domingo, embarcou na Base de Santa Cruz, no helicóptero presidencial ao lado do presidente Lula e participou da solenidade de contratação de navios petroleiros em Angra. Segundo um assessor e amigo próximo, ela teria decidido ir para Brasília no avião presidencial, para cumprir agenda.

O aparente quadro de normalidade não apaga dois fatos relevantes envolvendo a saúde de Magda Chambriard, presidente da maior empresa do país: ela sofreu um apagão durante um voo doméstico, sendo socorrida por médicos; e há quatro anos, precisou ser internada em uma UTI, no exterior, durante dias. São dois fatos que podem não estar conectados, mas, após a revelação pela imprensa, merecem ser explicados, até para trazer uma tranquilidade aos acionistas e funcionários da estatal, já que o silêncio corporativo da Petrobras não tranquiliza e só ajuda a criar um universo de especulações e mistério. Enquanto estiver na presidência da empresa e nomeada pelo presidente da República, a saúde de Magda Chambriard é de interesse nacional.

PINGA-FOGO

■ **SEGURANÇA TURÍSTICA**- O Governador Cláudio Castro recebe, nesta terça 18, no Salão Verde do Palácio Guanabara, os oito principais líderes do turismo carioca para um almoço de trabalho: o prato principal será a atuação do Governo do Estado na área da segurança turística. Os nomes convidados foram escolhidos pelo Gabinete do Governador.

■ **EFEITOS COLATERAIS** - Os marqueteiros do prefeito Eduardo Paes estão de olho na vertiginosa queda de popularidade do presidente Lula, principalmente entre os eleitores do Rio. Se a tendência continuar, haverá mudança de estratégia.

■ **SÓ FALA COM A BOLHA**- As últimas pesquisas de popularidade do presidente Lula darão ao ministro da SECOM, Sidônio Palmeira, uma espinhosa missão. A primeira-dama, Janja da Silva, só está conseguindo falar com a bolha. A sua popularidade só está em alta junto à militância radical da esquerda. A rejeição em outros segmentos só cresce. Para os nostálgicos do Lulismo I e II, a frase maior é: "Que saudade de Dona Marisa!"

■ **PEZÃO, O SÃO PIDÃO** - O prefeito de Pirai, Luiz Fernando Pezão, partiu bem cedo para Angra dos Reis, nesta segunda-feira, dia 17, e comprovou que está afinado com a esfera federal. No evento que anunciou a retomada de investimentos na indústria naval brasileira, no Tebig, Pezão foi abraçado pelo presidente Lula e pelo vice-presidente Geraldo Alckmin. O ex-governador e atualmente prefeito de sua cidade natal aproveitou para fazer um pedido aos seus aliados: a criação de uma linha de financiamento para a instalação de sistemas de ar condicionado nas escolas. "Um passo importante para garantir melhores condições de ensino e aprendizado", disse Pezão. E completou: "Agradeço sinceramente ao presidente e ao vice-presidente pela receptividade e pela oportunidade de apresentar propostas que não beneficiam apenas Pirai, mas todas as comunidades".

■ **FARDÃO PARA SALLES** - O corpo de Cacá Diegues nem esfriou e já tem uma lista de candidatos à ABL. O nome que surge com força é do cineasta Walter Salles, embalado pelo sucesso do AINDA ESTOU AQUI. A madrinha do voo acadêmico é a imortal Fernanda Montenegro. Se eleito, Salles, como herdeiro do Itaú/Unibanco, será o imortal mais rico da casa, superando o economista imortal Edmar Bacha.

■ **2026 NA RUA** - Depois da ida de Eduardo Paes a Mendes, para encontrar com prefeitos do Sul Fluminense; e no mesmo dia, a entrega festiva da Medalha Tiradentes ao cantor Belo, a Preto Zezé, da CUFA, e a David Brazil pelo deputado estadual Rodrigo Bacellar, como dizer que a campanha de 2026 já não começou?

Fernando Molica

Quem libertou o bandido foi a Justiça, não a turminha

Ao se referir, de maneira crítica e irônica, à "turminha dos direitos humanos", o governador do Rio, Cláudio Castro (PL), errou o alvo e reiterou que a lógica da ditadura ainda está aqui — os militares que sequestraram, torturaram e mataram o ex-deputado Rubens Paiva também desprezavam os direitos humanos.

O governador tem todo o direito de criticar as chamadas saídas de presos, mas a responsabilidade de ter permitido que o traficante Joab da Conceição Silva fosse liberado para, supostamente, visitar a família não foi da tal "turminha", mas da Justiça, com base na lei. Silva seria o responsável pelo ataque à 30ª Delegacia Policial, em Duque de Caixas, que terminou com dois policiais baleados.

O artigo da lei, um dos que seriam revogados no ano passado, previa a concessão do benefício para presos em regime semi-aberto depois de ouvidos o Ministério Público e a administração penitenciária — neste último caso, órgão do governo do qual Castro já fazia parte, como vice-governador.

Não dá pra dizer que o governador da época, Wilson Witzel, é um entusiasta dos direitos humanos. Eleito no vácuo de Jair Bolsonaro, Witzel foi aquele que prometeu dar "tiro na cabeça" de bandidos. Pelo jeito, um su-

bordinado de Witzel não viu problemas em autorizar a saidinha de Silva.

Defensores de direitos humanos costumam fazer críticas à lógica do encarceramento massivo, visto até como improdutivo: o país tem cerca de 900 mil presos, e a criminalidade continua rolando por aí. Mas, no caso específico da Lei de Execução Penal, que também trata de benefícios como o de saídas temporárias, não dá pra culpar a turminha.

A lei nasceu de uma portaria de 1981, ainda durante a ditadura, no governo do general João Baptista Figueiredo. O texto foi proposto e discutido por uma comissão de juristas e aprovado pelo Congresso Nacional. Em 1983, o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, encaminhou o projeto para o presidente.

Alegou, na exposição de motivos, que as saídas de presos em determinadas condições contribuíam para a diminuição da superlotação carcerária. No documento, que consta de 190 itens, Abi-Ackel só citou uma vez a expressão "direitos humanos", ao se referir a um trabalho da ONU datado de 1956. Figueiredo sancionou a proposta em 1984.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada pela ONU em 1948, numa clara resposta à barbárie da II Guerra Mundial, em particular, ao Holocausto. Não foi

redigida para impedir punição a criminosos, mas para garantir direitos de cada um de nós — ninguém está livre de ser acusado de um crime, de ser preso, torturado e morto. Diferentemente do que muita gente acha, o desrespeito à lei aumenta a impunidade. As pedaladas processuais de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol, que incluíam prisões de não condenados por tempo excessivo — algo semelhante à tortura — foram decisivas para a anulação de processos.

Apertado pelos números da violência e pelo absurdo ataque à delegacia, Castro optou pela saída mais simples, a de jogar um problema do estado no colo de quem nada tem a ver com a história. Tenta pagar carona num senso comum que atribui a violência aos defensores dos nossos direitos. E ele sabe que polícia violenta costuma ser sinônimo de polícia corrupta, que se aproveita da impunidade até para cometer crimes.

No mais, ataques como o ocorrido seriam ainda maiores se não fosse a atuação de um grande defensor dos direitos humanos, o antropólogo Luiz Eduardo Soares que, em 1999, no governo de Anthony Garotinho, concebeu e implantou as delegacias legais — isto acabou com a custódia de presos nestas repartições. Caso ainda houvesse celas por lá, as DPs seriam atacadas quase todos os dias.

Vicente Loureiro*

Cidade da inovação

Chama-se Innopolis e localiza-se a 40 km de Kazan, a capital da República do Tartaristão, na Rússia. Foi inaugurada em 2012 e, atualmente, cerca de 5 mil pessoas vivem nela, enquanto quase 40 mil trabalham nas oportunidades criadas pelas empresas de tecnologia e startups já instaladas ao redor de uma Universidade de Inovação que atrai talentos de mais de 100 países.

Cada vez mais jovens qualificados chegam à cidade, onde o salário médio supera os dois mil dólares e a qualidade de vida, além de atraente, é marcada por inovações tecnológicas capazes de tornar o cotidiano menos trabalhoso e mais agradável. Com os custos de moradia subsidiados pelo governo russo, morar em Innopolis parece ser bom, bonito e barato.

Nem o inverno rigoroso impede que a vida transcorra com certa normalidade nesse lugar inventado. O fato de poder se deslocar de casa para o trabalho, levar os filhos à escola caminhando ou de bicicleta — mesmo quando a cidade atingir 50 mil habitantes, conforme o projeto original — é um diferencial admirável. Além disso, robôs de entrega são responsáveis pela logística da última milha dos produtos que abastecem as necessidades e desejos dos moradores e trabalhadores de Innopolis. Lá, ninguém mais precisa carregar sacolas nem embrulhos.

As novidades, ou melhor, as inovações disponíveis aos cidadãos dessa "tecnópolis" tártara não param por aí. Robôs

substituem garçons nos restaurantes, com eficiência e um senso de humor semelhante ao das secretárias eletrônicas. Táxis circulam sem motorista, tornando aplicativos como o Uber desnecessários. Caixas de supermercado, recepcionistas e até faxineiras, entre outras profissões, estão fora da lista de oferta de empregos. Em Innopolis, até os alojamentos estudantis são limpos por robôs.

Percorrer os ambientes públicos e semipúblicos dessa "cidade" dedicada à inovação provoca alternadamente admiração e perplexidade. Não parece natural visitar uma imensa casa de leitura onde não há um único livro físico para consulta. Lá, os livros — assim como os pensamentos — estão armazenados na nuvem, dispensando qualquer objeto palpável para a conexão entre eles. A impressão que fica é que algo ali está fora do lugar — talvez a própria biblioteca.

Sai de Innopolis com a sensação de que ela não foi programada para lidar com o inesperado, muito menos com o improviso. Mesmo correndo o risco de ser taxado como um "urbanóide" rabugento, não resisto a afirmar: para se tornar uma cidade de fato, Innopolis terá que se abrir ao erro e ao contraditório, pois cidades não se fazem de bolhas — por mais bem-intencionadas que elas sejam.

*Arquiteto e urbanista.

Doutorando pela Universidade de Lisboa. Autor dos livros "Prosa Urbana" e "Tempo de Cidade"